



No passado dia
15 de Fevereiro,
a Universidade do Minho
atribuiu
a Frei BENTO DOMINGUES
o Doutoramento
Honoris Causa.

Teologia em processo de inculturação

Eis o seu discurso de agradecimento

1. Aos 19 anos, entrei na Ordem dos Pregadores, em 1953, em Fátima, no convento de N^a Sr^a do Rosário. Era o convento de Noviciado e do Centro Provincial de Estudos, *Sedes Sapientiae*.

Nessa altura, havia uma grande agitação nas províncias dominicanas de França devido às medidas romanas contra a teologia que praticavam de forma inovadora e as diversas formas de intervenção na sociedade como, por exemplo, os padres operários.

O grupo de professores do Centro *Sedes Sapientiae* era internacional. Paul Denis, belga, iniciou-nos na história da filosofia a partir dos filósofos contemporâneos mais representativos. Para ele, era mais aliciante partir da foz do rio para a sua fonte, do que servir-se do esquema mais usual no estudo da história da filosofia. Por outro lado, era um centro que convidava grandes nomes da filosofia, da poesia, da ciência e da música que vinham a Portugal.

Esta opção teve como consequência situar-nos no mundo moderno que o Vaticano recusava, desde a crise modernista. Este, para responder a essa crise, propôs o recurso a S. Tomás de Aquino. Como escreveu Umberto Eco, essa medida tentava fazer, de um incendiário, um bombeiro.

Em 1935, já Yves Congar fazia uma observação que, depois, me deu muito que pensar: *A uma religião sem mundo, sucedeu um mundo sem religião*.

O padre Teilhard de Chardin, em 1920, numa nota breve sobre a evangelização dos novos tempos, pressente a gravidade do que está

acontecer: «cristão e humano tendem cada vez mais a não a coincidir». Era como se o ser humano não tivesse diante de si a figura do Deus que procurava adorar. Em 1960, o grande medievalista, Dominique Chenu, condenado em 1942, por causa de um pequeno livro programático [1], observava que o “mundo dos nossos dias” ainda não está integrado no pensamento cristão.

Philippe Roqueplo mostrou a que ponto a teologia oficial permanecia impermeável a todas as tentativas de integrar, na experiência cristã, as tarefas da construção do mundo e de acolhimento do Reino de Deus. Percorrendo o monumental *Dictionnaire de Théologie Catholique*, elaborado entre 1903 e 1950, em 22 grandes e compactos volumes, com a pretensão de abarcar «todas as questões que interessam ao teólogo», observa uma lista de ausências graves:

«Na entrada profissão, vem um artigo “profissão de fé”; em emprego: nada; em trabalho: nada; em profano: nada; em família: nada; em mulher: nada; em amor: um terço de coluna assim distribuído: v. “caridade”; amor do próximo: v. “caridade”; amor próprio: algumas linhas que reenviam para “ambição”; amor puro: v. “caridade”; mas sobre amor humano propriamente dito: nada; em amizade: nada (...); em vida: um artigo “vida eterna” (...); em mal: vinte colunas; em economia: nada; em política: nada; em poder: finalmente um artigo de cento e três colunas (quatro vezes

mais que “mal”) sobre... “o poder do Papa na ordem temporal”. Em técnica: nada; em ciência: mais um longo artigo dividido em quatro pontos: ciência sagrada; ciência de Deus; ciência dos anjos e das almas separadas; ciência de Cristo... mas sobre o que nós chamamos ciência: nada; em arte: um longo artigo sobre... a arte cristã; em beleza: nada; em valor: nada; em pessoa: v. “hipóstase”; em história: nada; em leigo e laicado: nada, a não ser um longo artigo sobre o laicismo estigmatizado como uma heresia» [2].

2. Comecei a ler os textos de S. Tomás de Aquino guiado pelas investigações históricas de Marie-Dominique Chenu [3]. Fiquei espantado. Não partia de teses ou afirmações. Era uma sequência organizada de interrogações e de argumentos contra o que, depois, se vinha a descobrir que a sua alternativa era outra, mas integrando, muitas vezes, as posições adversas.

Pensar é interrogar e deixar-se interrogar. A aventura teológica implica uma herança, mas é, sobretudo, um mundo cultural de inovação, não de repetição, como dizia o primeiro biógrafo de Aquino, Guilherme de Tocco: «Nas suas lições, introduzia novos artigos, resolvia as questões de maneira nova e mais clara, com novos argumentos. Os que o ouviam a ensinar posições novas e abordá-las segundo um método novo, não podiam duvidar de que Deus o tivesse iluminado com nova luz».

O que mais me espantou, no começo da *Summa Theologiae*, um impressionante guião para

principiantes, foi o seguinte: depois de elaborar a sua epistemologia teológica e de mostrar a razoabilidade da existência de Deus, diz que, a seguir, vai tentar mostrar como Deus é, para corrigir imediatamente, *como Deus não é!* A sua teologia ficou sempre marcada pela chamada *teologia negativa*, em regime de linguagem simbólica – manifestou-se um poeta notável na elaboração da liturgia do Corpo de Deus –, mesmo quando o seu estilo será sempre argumentativo: não basta confessar a fé ortodoxa, é preciso mostrar *como é* que é verdade o que confessamos como verdade.

A sua prática teológica é anti-idolátrica, livre e libertadora porque o magistério da Igreja não faz parte da fé teologal. Acredita que o Espírito Santo actua na Igreja, mas não é na Igreja que acredita, como o Credo poderia dar a entender.

O mundo estudado pelas ciências e pela filosofia tornou-se o seu mundo através da herança grega, sobretudo de Aristóteles, que tinha feito a sua entrada no mundo latino por um percurso do grego para o árabe e do árabe para o latim.

Muitos viram nesta operação cultural uma traição à revelação bíblica. Ele não. Como se dizia que a filosofia era a serva da teologia, acusavam-no, a ele e a Alberto Magno, de dormirem com a criada, de converterem vinho em água. Ele observou que havia também o milagre de Caná da Galileia.

Tomás de Aquino pode tornar-se um veneno se for considerado, não um incitamento ao desassossego, mas a verdade fixada para sempre. Não se pode fazer de um apeadeiro a última estação.

3. Comecei a ensinar teologia em vários regimes, nos anos sessenta. Foi no tempo do Concílio, do imediato pós Concílio e da criação da revista *Concilium*, da revista *O Tempo e o Modo*, a agitação estudantil e da contestação da guerra colonial. O exílio do Porto e do país foi uma bênção. Pude seguir de perto tudo o que se passava em Roma. A experiência libertária de João XXIII já a conhecia de uma outra estadia em Roma.

A prática teológica, no Centro *Sedes Sapientiae*, deslocou-se para o ISET de Lisboa, uma escola altamente democrática, numa ditadura política e religiosa. Foi a preparação dos estudantes, dos últimos anos, para a actividade pastoral, que me obrigou a investigar a *Religião dos Portugueses*. Como me foi pedido para reger as cadeiras de Antropologia cultural e filosófica, no ISPA, a das *Realidades Terrestres* e a da teologia da *Missão*, no ISET, obrigou-me a estudar as relações entre teologia e culturas. Por outro lado, os Cursos de Verão, do ISTA, os Encontros de Teologia para Leigos em Coimbra, Porto e Lisboa, exigiam um esforço de abertura a mundos muito diversos.

O ISET foi fechado para oferecer alunos à Faculdade de Teologia da Universidade Católica, recém-criada. O Centro de Reflexão Cristã não o podia substituir, mas era um desafio para não fazer “teologia para leigos”, mas de iniciar leigos na prática teológica. Não pôde gozar da oferta de espaços gratuitos pelas Irmãs Doroteias, porque uma nota do Patriarcado declarou que não se tratava de uma instituição da Igreja, o que dificultou a vida económica desta

resistente iniciativa.

4. O bispo de Nampula, D. Manuel Vieira Pinto, pediu ao ISTA para alguns professores irem a Moçambique preparar animadores de novas comunidades cristãs e de reciclagem dos missionários que não abandonaram aquele país com a independência. Frei Luís França e eu próprio fomos os primeiros. Passaram, por essa experiência, vários dominicanos. Fui solicitado para renovar todos os anos essa experiência. Tentei criar um método para serem os próprios animadores de comunidades a fazerem *Teologia Africana* para que esta não se tornasse, apenas, fruto de teses universitárias elaboradas em universidades europeias. Ainda tentei retomar esse caminho com cristãos africanos emigrados em Portugal. Essa história ainda não está toda feita. Entretanto, o CRC resolveu apoiar a publicação dos *Cadernos de Estudos Africanos*. Já tinha publicado um número duplo da *Igreja e Missão* (1984) sobre *Verdades e Ambiguidades da Inculturação Missionária*.

Fui, depois, convidado a dar aulas no Seminário Maior de Luanda. Já tinha conexão com os trabalhos da comunidade dos dominicanos de Waku Kungo, fundada em 1982.

5. O Instituto *Bartomeu de Las Casas* (Cusco – Peru), fundado por ex-confrades franceses com quem tinha estudado e por um português, Frei Henrique Urbano, professor de sociologia na Universidade de Laval (Canadá) e grande especialista da cultura andina, organizou um Congresso Internacional sobre *Teologia e Modernidade*, no México.

Fui convidado para fazer uma conferência sobre *Teologia nas fronteiras*. Daí resultou um convite para ir, todos os anos, fazer um curso de três meses a Cusco sobre uma pergunta: será possível articular: *Cristologia, Teologia da Libertação e Inculturação?*

Esta problemática resultava das investigações múltiplas que se desenvolviam no Instituto e na sua notável *Revista Andina*. O referido Instituto resolveu criar outro, em Santiago do Chile, sobre *Teologia e Ciências Humanas*. Fiz parte do grupo que o preparou e no qual participei com a temática de Cusco.

Foi, depois, que o Reitor da Universidade de S. Tomás de Aquino (Bogotá) me convidou para iniciar, nessa Instituição, os estudantes dominicanos na temática que tinha desenvolvido em África e na América Latina.

A minha participação na Argentina foi diferente. Tinha de fazer pontes entre tendências muito contrastadas no campo da Teologia da Libertação, da Teologia do Povo e dos grupos que resistiam a essas duas tendências.

Em Portugal, tinha sido convidado, desde o começo, a publicar uma crónica ao Domingo, no *Público*, que ainda hoje se mantém. Não é uma crónica de palpites. Tento que também ela seja uma prática teológica nos e dos acontecimentos. Entretanto, a Universidade Lusófona desafiou-me a organizar e dirigir uma Licenciatura em *Ciência das Religiões*. Confesso que o projecto era aliciante, mas o grande agente da sua configuração foi o Professor Alfredo Teixeira.

6. Recordo isto e podia lembrar muitas outras experiências. O que foi sempre comum a todas elas foi a prática da investigação, da reflexão e da partilha teológica, em contextos não confessionais. Não foi uma escolha, foi o acolhimento de convites desafiadores. Não era a minha competência que me levava a aceitá-los, mas a oportunidade de investigar o que ainda não conhecia. Eram novas perguntas com exigências inéditas. Daí o carácter fragmentário das minhas publicações. Tenho consciência que são “fragmentos” num todo de desígnio em construção sem fim. Daí, também, a “dispersão” nas conjunturas geográficas ou culturais. Fiz sempre um tipo de teologia sem olhar às consequências eclesiais que daí poderiam resultar. Nunca me seduziu qualquer carreira académica ou extra académica. O que me incitava era a vastidão do trabalho a fazer enquanto não “chegar a noite”. Era também uma questão de fidelidade à minha vocação dominicana: testemunhar, comunicar, dar aos outros o que de Deus e dos outros recebi.

Como, por outro lado, não posso crer sem interpretar, a hermenêutica foi sempre conatural à *teologia simbólica*, à vertente antropológica, à atenção às realidades em que os seres humanos passam a maior parte do seu tempo, à religião popular, portuguesa ou outras, às teologias africanas, da libertação e dos acontecimentos.

Nunca me aventurei pela teologia literária, isto é, pela leitura teológica da literatura nem pela escrita literária da teologia como o fizeram os meus confrades Jean-Pierre Jossua e José Augusto Mourão ou José Tolentino

Mendonça. O deslumbramento com a natureza – nasci num dos cenários mais belos do mundo – nunca abafou o gosto pela beleza da literatura e das artes, mas diante das quais só podia ser um fruidor.

A participação cívica acompanhou-me desde os anos sessenta e nunca me senti dispensado dela, em Portugal ou nos países onde trabalhei. Em todos eles, era a guerra que mandava, assim como os grandes interesses anti populares.

Uma espiritualidade ou uma teologia que fecha os olhos para os desarranjos da história humana, local e global, é uma infidelidade ao espírito cristão e ao que há de melhor em todas as culturas e religiões. É também por isso que só entendo o diálogo inter-religioso se ele for uma autocrítica de cada um dos intervenientes e das suas tradições. Quando participei na elaboração da teologia cristã da inculturação, sempre defendi que não se trata de uma colagem cultural nem de uma hospitalidade recíproca, mas de uma conversão das experiências religiosas em presença. O meu argumento foi sempre este: se a inculturação da fé fosse o acolhimento de uma religião, Jesus Cristo não tinha nada a fazer, pois estava bem inculturado. A inculturação exige que as religiões tenham, todas, uma prática da teologia da libertação e de libertação da teologia.

Tive muitos mestres, mas mesmo quando dele discordava, o meu *maître à penser* foi Tomás de Aquino. Senti-me orgulhoso ao ler, no extraordinário livro de Alberto Manguel, que era também o *maître à penser* do autor da *Divina Comédia* [4].

7. O texto que escrevi nasceu da necessidade de eu próprio encontrar algum sentido no facto de a Universidade do Minho me atribuir este doutoramento *Honoris Causa*. Os dons não se discutem, agradecem-se, mas a enumeração de um CV parece-me uma contabilidade demasiado abstracta.

Repito o que já disse: nunca me seduziu qualquer carreira académica ou extra académica. O que sempre me incitou e incita é a vastidão do trabalho ainda a fazer, enquanto não “chega a noite”. Tentei, neste texto, encontrar *o fio à meada* porque não vivi segundo um projecto predelineado. Sempre soube o que me movia, em todas as circunstâncias, mas nunca previa o que poderia acontecer. Fui surpreendido muitas vezes. Respondi a apelos, a propostas, a desafios que vinham dos outros, acolhendo-os dentro dos meus limites. Só eu podia sentir o trabalho que me era exigido, mas ao qual não me podia negar. Nem posso.

Nunca me senti, nem sinto, preparado nas áreas da teologia, da filosofia, nas ciências humanas que foram sempre o campo do meu trabalho. Sempre entendi a minha vida como a de um estudante aplicado. Não é uma originalidade, mas é a verdade. Continuo e continuarei um artesão sem estatuto preciso.

A vida humana não pode ser vivida fora da Esperança. É a virtude do caminho. A virtude da resistência. Dar razão desta atitude é a tarefa teológica que S. Pedro exigiu aos cristãos em favor de toda a sociedade (1Pe 3, 15).

No momento histórico de extremas ameaças, o Papa João XXIII

abriu um caminho de liberdade e de paz para todos os seres humanos de boa vontade. Convocou um concílio ecuménico para que a Igreja abrisse a todos, portas e janelas do seu presente e do futuro. Depois de muitos zigue-zagues surgiu o Papa Francisco para escutar e intervir a favor de todos, a começar pelos mais ofendidos. Quem desejar pode estudar os seus gestos, as suas atitudes, as suas decisões e os seus textos luminosos.

Não procura substituir ninguém. Procura convocar. Acaba de dirigir uma carta ao Presidente da Pontifícia Academia para a Vida, mas que nos é destinada. Continua o alarme da Encíclica *Laudato Si*, o estado de emergência no qual se encontra a nossa relação com a história da terra e dos povos. Está em causa a decisiva questão da unidade da família humana e do seu futuro. A cultura da indiferença – anti-cultura – comandada pelos poderes da divisão e da guerra está aliada à prepotência do dinheiro.

Esta emergência revela um paradoxo: como pôde acontecer que, precisamente no momento da história do mundo em que os recursos económicos e tecnológicos disponíveis nos permitiriam cuidar suficientemente da *Casa Comum* e da família humana, estes acabam por dar origem às nossas divisões mais agressivas e aos nossos piores pesadelos?

Depois de tantas décadas de desconstrução do humanismo, importa abrir-lhe novos horizontes, dentro e fora da Igreja, capaz de

apoiar a unidade da família dos povos, nas presentes condições políticas e culturais.

Já não estamos perante questões caseiras ou de sacristia. Implicam as Universidades, como instituições da investigação e da partilha do saber, mas também as pessoas que frequentam a universidade da vida quotidiana, das suas ansiedades e de esperança.

8. É diante deste futuro que me sinto muito honrado pelo facto de, em Braga, a Universidade do Minho me atribuir tão generosamente, este Doutoramento *Honoris Causa*. E é às suas *autoridades* académicas que eu dirijo os meus mais sentidos agradecimentos.

Ao Magnífico Reitor, Prof. Rui Manuel Costa Vieira Castro, símbolo da comunidade universitária.

A todos vós, caros Professores - entre os quais, permitam-me que faça uma menção particular dos meus amigos, professores Moisés de Lemos Martins e José Viriato Capela, aos quais me liga uma antiga amizade. Como disse o saudoso Dr. Miguel Veiga, *a amizade é o lugar da Terra em que mais gosto de viver*.

A todos vós, amigos, aqui presentes, os meus agradecimentos pessoais e também uma saudação especial à Ordem dos Pregadores (Dominicana) - a minha casa - que celebrou, no ano passado, seiscentos anos de presença em Portugal.

Frei Bento Domingues, O.P.

15 de Fevereiro 2019

[1] *Une école de théologie Le Saulchoir* (1937), posto no *Index* em 1942; Cf. Étienne Fouloux, *Première Alerte sur Le Saulchoir* (1932), in *Rev. Sc. Ph. Th.* 96 (2012) 91-105.

[2] Philippe Roqueplo, *Experience du monde: experience de Dieu?* Cerf, Paris 1968; Cf.: Frei Bento Domingues, O.P., *A Humanidade de Deus*, Mário Figueirinhas, Porto, 1995; *Alguns estilos de prática teológica extra-universitária em Portugal. Breves notas de leitura*, in *Didaskalia XLVI* (2016) II, 91-97; *Verdade e Ambiguidades da Inculturação Missionária*, “Igreja e Missão”, Cucujães, 1984; *A religião dos portugueses. Testemunhos do tempo presente*, Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2018.

[3] M.D. Chenu, *Introduction à l'étude de Saint Thomas d'Aquin*, 2ª ed. 1954.

[4] Alberto Manguel, *Uma história da curiosidade*, Lisboa, Tinta da China, 2015, 31. S. Tomás, um curioso insaciável, preferia o estudo – *aplicação veemente da mente* – à simples curiosidade e suas tentações de superficialidade.

Passeio da Comunidade (15 e 16 de Junho)

Foi em 1980, que começámos a visitar uma vez por ano um monumento ou lugar religioso histórico: depois, fomos a Coimbra (a Sto António dos Olivais), a Rates (2 vezes), a Meinedo, a Nacomba (Moimenta da Beira), a Fontelo (Armamar), a Arnelas, a Azurara, a Sebolido, a Arouca, a Candemil (Amarante), a Arões e à Penha (Guimarães), a Mogadouro, à Senhora da Abadia e a S. Bento da Porta Aberta, à Fonte Arcada (P. Lanhoso), ao Mosteiro de Pombeiro (Felgueiras), a Roriz e Singeverga, e a muitos mais lugares.

Quando possível, procurávamos sempre comunicar com a comunidade local, paroquial ou não, ao menos na celebração dominical.



Conseguido o lugar da *dormição* para todos, a *comição* era sempre mais fácil: todos comiam do que todos traziam e colocava-se tudo para todos numa só mesa: uma espécie de “fracção do pão” que baste para todos os irmãos.

Este ano vamos ver um pouco de uma das melhores estradas romanas existentes ainda hoje em território português. Depois da Páscoa, no Tempo Pascal, prepararemos o necessário.

Agora se diz que será o passeio em

15 e 16 de Junho

(ponham-se na agenda pessoal estes dois dias para podermos ir todos).

A foto [ao lado] é de uma das melhores auto-estradas romanas europeias: vinda de Braga, ao chegar ao rio Caldo, subia depois em duas direções: uma para a Portela do Homem e Lugo, e a outra para *Aquae Flaviae*, actual cidade de *Chaves*.